

Igualando as condições globais para o desenvolvimento sustentável no Brasil e em outras economias emergentes

**Discurso da Vice-Presidente do Banco Mundial para a América Latina e Caribe
Pamela Cox**

**Fórum de Legisladores do G8+5 sobre Mudanças Climáticas
Brasília 20-21 de fevereiro de 2008**

Prezados Presidentes Senador Casagrande e Honorável Barry Gardiner, legisladores do G-8 e economias emergentes, membros do Congresso Brasileiro que sedia esta conferência, senhores líderes empresariais, representantes da sociedade civil, senhores e senhoras. É uma honra para mim dirigir-lhes a palavra hoje, neste Fórum da GLOBE.

Eu gostaria de também dar as boas vindas às autoridades e legisladores de países ricos em florestas, inclusive da África e Ásia, que têm participado de um diálogo facilitado pela GLOBE junto com operadores privados para reduzir a extração ilegal de madeira e estabelecer bons padrões ambientais e sociais em um setor crítico da economia.

Meus cumprimentos à GLOBE, à Aliança Com Plus, e à liderança deste grupo pluripartidário de legisladores brasileiros por ter selecionado o Brasil como a primeira economia emergente a sediar este diálogo liderado por legisladores, mas que conta com diversos outros participantes, e que se iniciou em Londres há três anos, deslocando-se então para a Europa, e para o Senado Americano no ano passado.

Como o Presidente Zoellick enfatizou em sua mensagem, não haverá solução para o desafio das mudanças climáticas se os pontos de vista e as preocupações dos países em desenvolvimento, e especialmente economias-chave como a brasileira, não sejam levadas em consideração. Os fundamentos para o engajamento dos países em desenvolvimento precisam ser baseados sobre o entendimento que uma melhor gestão ambiental deve necessariamente caminhar lado a lado com o desenvolvimento econômico.

Sempre ouvimos sobre o debate entre crescimento e meio ambiente. Mas de nosso ponto de vista, custaria caro às economias emergentes e em desenvolvimento não considerar o meio ambiente como uma prioridade de desenvolvimento.

Também precisamos nivelar as condições do debate internacional sobre mudanças climáticas para assegurar que exista sinergia, e não antagonismo entre as metas-irmãs do desenvolvimento econômico e responsabilidade ambiental nas economias emergentes. A nossa experiência nos diz que, quando apresentada dessa forma, países como China, Índia, África do Sul, México e Brasil abraçam a parte que lhes cabe com entusiasmo, engajando-se e assumindo sua liderança. Contudo, nenhuma solução global estará em vista se isto representar um freio aos esforços de desenvolvimento dos países em desenvolvimento.

Como Vice-Presidente para a América Latina e Caribe do Banco Mundial, deixem-me dar alguns exemplos de como os países na região estão enfrentando essas questões.

Primeiro o Brasil. Nosso anfitrião fez progressos nas próprias questões de desenvolvimento e está se tornando um líder global em diversas áreas ligadas ao meio ambiente. Mais importante, uma nova geração de líderes políticos – nos níveis nacional e estadual, nos executivos e legislativos – estão profundamente comprometidos a abordar simultaneamente as necessidades de desenvolvimento de suas populações e tratar de forma adequada o meio ambiente.

Ao buscar uma plataforma maior para projetar esses avanços para outros países em desenvolvimento, o Brasil participa como um ator-chave nas agendas de comércio internacional, meio ambiente e mudanças climáticas. O País é um fornecedor de soluções.

Deixem-me ilustrar as razões:

Na área de conservação, o Brasil já reservou 25% de seu território (mais de dois milhões de quilômetros quadrados), por meio da criação de aproximadamente 100 milhões de hectares de áreas protegidas federais, estaduais e municipais e a demarcação de uma área equivalente como território indígena.

O progresso na área de gerenciamento florestal sustentável também foi significativo. Hoje, o manejo florestal responde por 15% da madeira extraída no País. Há 15 anos esse percentual era virtualmente zero. As atividades empreendidas nessa área elevarão a parcela de oferta sustentável para aproximadamente a metade da demanda atual por madeira da região. Esses esforços resultam em mais renda e empregos para os povos da floresta ao mesmo tempo em que reduzem o impacto ambiental.

O Banco Mundial apóia os esforços brasileiros nessas áreas por meio de um amplo leque de serviços financeiros e não financeiros, incluindo projetos de investimento estaduais – como o que visitei em novembro último no estado do Acre – que contribuirão ao crescimento econômico e ao mesmo tempo fortalecerão as melhores práticas para o uso sustentável de recursos naturais.

A energia limpa também é uma marca da economia brasileira. Como a hidroeletricidade representa mais de 80% da geração, e o etanol de cana de açúcar representa mais de 30% do combustível usado em automóveis, a intensidade de carbono do setor de energia brasileiro é metade da média global e menos de 20% da média dos países da OCDE.

Apenas no setor de hidroeletricidade, o Brasil mitiga mais de 140 milhões de toneladas de carbono por ano. A produção de biocombustíveis usa apenas quatro milhões de hectares de terra, aproximadamente 5% das terras dedicadas à agricultura no País. Este é uma contribuição de baixo custo para mitigar as mudanças climáticas, e uma tecnologia brasileira que tem um grande papel a exercer globalmente.

Outro exemplo de uma economia-chave da região comprometida com a luta contra as mudanças climáticas é o México. Ciente do seu nível de emissão de gases de efeito estufa, o México anunciou no ano passado uma estratégia nacional para abordar as mudanças

climáticas. Esta estratégia propõe dissociar o crescimento econômico da emissão de gases de efeito estufa. Ela apresenta ações concretas para mitigar os efeitos das mudanças climáticas e para reduzir a vulnerabilidade a desastres naturais relacionados às mudanças climáticas. Nessa estratégia, o México voluntariamente se comprometeu a reduzir o seu nível de emissões de gases de efeito estufa.

Com mais de 200 milhões de dólares em empréstimos e doações, o banco Mundial está apoiando os esforços do México para reduzir essas emissões, mitigar o impacto das mudanças climáticas, e gerir florestas em uma maneira sustentável. Os esforços incluem o Metrobus da Cidade do México (reduzindo gases de efeito estufa produzidos pelo transporte público), eletrificação rural por meio de energia renovável (solar), geração de energia renovável por fontes eólicas e solares, e conservação e manejo sustentável de florestas.

Países da região também reuniram recursos para se adaptar às mudanças climáticas. As nações caribenhas são altamente vulneráveis a desastres naturais e têm poucas opções financeiras para responder a eles. Na média, um grande furacão afeta um país da região a cada dois anos.

Para abordar esses fenômenos recorrentes, o banco Mundial apoiou um Fundo Caribenho de Seguro contra Riscos de Catástrofes. Este mecanismo é o primeiro fundo regional de seguro contra riscos de desastres no mundo. Ele oferece aos 16 países participantes do Caribe com liquidez imediata após um desastre. Ao juntar seus riscos, os países participantes economizam aproximadamente 40% sobre os prêmios individuais.

Antes de encerrar, deixe-me enfatizar que o Banco busca uma parceria vigorosa com o Brasil, México e com os outros membros do grupo Mais Cinco, para contribuir para igualar as condições de jogo internacionais. Isto toma a forma de

- Estudos em andamento sobre baixas emissões de carbono em cinco países,
- Financiamento concessional nos setores energético e agrícola,
- Transferência de tecnologia, e
- Maior apoio na mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

Um papel que o Banco pode exercer é ajudar a assegurar que as vozes dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, com as representadas aqui, sejam ouvidas igualmente no debate internacional.

Um sistema internacional justo deve tornar possíveis emissões menos intensivas em carbono ao nivelar as regras do jogo entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Os países ricos têm ciência de que, ao oferecer suporte aos países em desenvolvimento exercem liderança e o resultado é o benefício global de um crescimento mais verde e sustentável nesses países. É possível avançar para uma solução global que reconhece que o uso sustentável dos recursos naturais é chave para o desenvolvimento, e que os países em desenvolvimento não deveriam ser penalizados por seus esforços de crescimento e de redução da pobreza.

O Banco Mundial, como uma cooperativa global de países desenvolvidos e em desenvolvimento, está contribuindo para esse objetivo. Entre outras coisas, como o apoio do reino Unido, EUA e Japão, estamos desenvolvendo mecanismos concessionais de financiamento para energias limpas e adaptação às mudanças climáticas. A carteira do Banco Mundial em energias renováveis tem crescido substancialmente nos últimos 5 anos (1.43 bilhão de dólares em 2007), um aumento de mais de 60% em comparação com 2006, enquanto que os fundos de carbono chegaram a 2 bilhões de dólares.

Um Fundo de Parceria de Carbono vai levar o financiamento de carbono do varejo ao atacado, permitindo a compra de reduções de emissões de setores inteiros ao invés de projeto a projeto.

As florestas têm um papel crítico na questão das mudanças climáticas, com 20% do total de emissões de carbono e 37% das emissões dos países em desenvolvimento oriundas de desmatamento e degradação. Enquanto a gestão sustentável de florestas é uma maneira importante de se abordar maneiras de mitigar as mudanças climáticas, as florestas em si são bastante afetadas pelas mudanças climáticas, o que as torna um importante enfoque para o desenvolvimento e implementação de medidas de adaptação.

Em Bali, Indonésia, também lançamos o Fundo de Parceria de Carbono Florestal. (FCPF), um mecanismo de financiamento pioneiro para combater o desmatamento tropical e as mudanças climáticas.

Nesses dois dias abordamos questões-chave da agenda pós-Bali. É crucial que os legisladores das economias com alto consumo energético se reúnam para construir a confiança mútua sobre como poderia ser um acordo sobre mudanças climáticas pós 2012. Como legisladores, vocês podem influenciar as negociações e criar uma atmosfera positiva no nível global e em seus respectivos países. Junto com o setor privado, vocês estão posicionados de forma privilegiada para saber quais soluções são tanto práticas quanto politicamente viáveis. Temos apoiado a iniciativa GLOBE desde seu início em 2005, e nos sentimos confiantes que esta conferência representará um marco na geração de uma massa crítica de apoio para medidas que nos trarão mais próximos a um arcabouço de mudanças climáticas justo para o pós 2012.

Obrigada.